



O emigrante

Alexandre Santos

Conta a angústia vivida pelo engenheiro Paulo Sérgio até decidir emigrar com a família para a Europa

Paulo Sérgio estava numa encruzilhada.

Ruminando a possibilidade de tentar outra vida noutra lugar, ele lembrava que, há tempos, depois ralar muito, vivendo de bico como professor de física e de matemática em tudo que era colégio de Nossa Senhora de Valverde, finalmente conseguira emprego na engenharia e, só então, passou a ter os méritos reconhecidos e pode ganhar o mundo. Paulo Sérgio era muito competente e, na sequência de conjuntos habitacionais, passou a atuar na engenharia pesada - barragens, grandes complexos rodoviários, estradas, túneis, pontes, portos, aeroportos, usinas, hidroelétricas, linhas de transmissão, gasodutos e aquadutos -, onde fez uma carreira de sucesso.

Entre uma obra e outra, Paulo Sérgio tirava férias com a esposa Judith. Quando não se refugiava no paraíso de Porto de Galinhas, curtindo as maravilhas do balneário, viajava ao exterior, enchendo o passaporte de carimbos de tudo que era país. Embora já tivesse ido aos Estados Unidos e ao Oriente várias vezes, Paulo Sérgio gostava mesmo era da velha Europa de seus ancestrais, onde apreciava a riqueza cultural, a segurança das ruas, sempre limpas e isentas de pedintes, e o modo de ser das pessoas - todas cultas, educadas e, como observava Judith, talvez pelo clima frio (ela pensava assim), bem vestidas.

Vale dizer que, com o raciocínio lógico dos engenheiros, Paulo Sérgio notava que, a cada viagem, a Europa o surpreendia menos. Não era o fato de já conhecer os países e cidades visitadas. Era outra coisa. Para começar, o número de turistas brasileiros era muito maior. Ele lembrava que, há dois anos, depois de fingir não ver uma das recepcionistas do Grupo Pilgrimm em Paris, Judith empinara o nariz e comentara que a Europa estava 'perdendo o charme'. Na ocasião, em detalhe pouco percebido pela maioria, Paulo Sérgio atinou que os ônibus turísticos tinham passado a oferecer português brasileiro no cardápio de línguas dos fones de ouvido (anos atrás, talvez pelo pequeno número de clientes brasileiros, os sistemas só falavam inglês, francês, japonês, alemão e espanhol). Além disso, nas viagens mais recentes, raras vezes Paulo Sérgio via alguma coisa que já não tivesse visto no Brasil. Embora alguns pudessem creditar isso à interconectividade que uniformiza os costumes e possibilita a chegada quase instantânea das novidades e modismos a todos os lugares, fazendo-os [os lugares] parecidos, Paulo Sérgio - que viajava frequentemente à África, onde acompanhava obras - sabia que a razão era outra. Com uma ponta de orgulho, ele atribuía a progressiva semelhança [do Brasil] com a Europa ao desenvolvimento e enriquecimento do País (ele lera num folder distribuído aos executivos da empresa que o Brasil assumira a 6ª posição no ranking dos países mais ricos, ficando atrás apenas dos Estados Unidos, China, Alemanha, Japão e França. O dinheiro do Brasil e dos brasileiros era a razão daquela nova situação, tão bem traduzida pelo respeito e pela atenção especial dedicadas pelos garçons e pelos vendedores europeus aos turistas brasileiros.

Averso à política, Paulo Sérgio concentrava sua existência no trabalho e no desfrute da boa vida por ele [pelo trabalho] permitida. Convencido de que a competência profissional era o fator decisivo para a preservação dos empregos e dos bons salários, ao tempo que desdenhava a política, passando ao largo dos noticiários e dos comentários (Paulo Sérgio, deixava claro que, se não fosse obrigado pela lei, sequer votaria), [ele] investia em si próprio, jamais desperdiçando chances de aprofundar ainda mais os seus conhecimentos técnicos.

Um estudante de sociologia diria que Paulo Sérgio era 'alienado'. E era mesmo. Excluindo os últimos meses do governo de Anita Rastik - quando, seguindo a corrente, vestira a camisa verde amarela de todos e acompanhara vizinhos e colegas na onda que exigia o fim da corrupção -, poucas foram as vezes nas quais Paulo Sérgio se envolveu com política. Ele lembrava que, pouco depois de entrar para a construtora, respondeu com uma frase vaga, destas que não dizem nada, ao comentário de um dos diretores sobre a petulância esquerdista do presidente Tião, que, meses antes, se dizendo preocupado com o combate à fome, recusara pedido da Casa Branca de mandar tropas brasileiras para o Iraque. Convencido de que 'política não é coisa de gente séria', Paulo Sérgio preferiu manter-se longe do assunto e - sem tempo sequer para notícias sobre coisas como redução da pobreza, [redução] do desemprego, [redução] da insegurança, [redução] do déficit habitacional, ampliação da rede de ensino, criação de novos programas de saúde, modernização da logística ou para a prosperidade esperada do farto petróleo socado nas jazidas pré sal -, [Paulo Sérgio] mergulhou no trabalho, cuidando das obras e projetos que não paravam de chegar.

Infelizmente, contrariando a lógica de Paulo Sérgio, de repente as coisas desandaram.

Como se fosse castigo, junto com o severo combate do juiz de Curitiba à corrupção (ou, justamente, como alguns disseram tempos mais tarde, pela forma como ele [o juiz] fazia o combate [à corrupção], intencionalmente matando vacas para caçar carrapatos), as maiores empresas da engenharia pesada brasileira foram satanizadas e algumas delas soçobraram, arrastando todos os que lhes forneciam insumos para o vale da morte, fazendo desaparecer o emprego de quase um milhão de profissionais, inclusive o de Paulo Sérgio (cujo conhecimento, por não ultrapassar o universo da técnica, era insuficiente para equacionar e compreender aquilo que, de fato, ocorria no País, levando-o, automaticamente, a atribuir todos os males à 'corrupção do governo de Anita Rastik', conforme dizia a mídia e os líderes oposicionistas). E aí, desempregado e desesperado, Paulo Sérgio, até como forma de sobrevivência, foi tomado por um repentino arroubo cívico e, a exemplo de seus vizinhos e amigos, apostando todas as fichas na queda do governo esquerdista, entrou de corpo e alma na campanha contra Anita Rastik. Como se fosse velho militante das causas políticas, Paulo Sérgio vestiu a camisa verde-amarela da campanha que creditava à oposição a exclusividade do patriotismo; participou de passeatas e carreatas contra o governo; esbravejou palavras-de-ordem; rogou pragas contra a presidente; distribuiu panfletos, usou adesivos; falou mal dos programas sociais, atribuindo-lhes a pecha de populismo eleitoral; gritou acusações de que a engenharia pesada era azeitada pela corrupção, cuspiendo no prato em que comeu por muito tempo; bateu panelas e piscou lâmpadas para repudiar aparições e pronunciamentos presidenciais; telefonou para amigos, criou grupos de WhatsApp, repassou mensagens e e-mails, fez, enfim, tudo o quê estava

ao seu alcance para botar a bruxa (como a presidente passou a ser chamada por todos), para fora do governo, 'matando quem estava matando o país'. Os dados estavam lançados e, depois de ainda se segurar no cargo por mais alguns meses, graças a uma ampla articulação, de tamanho, profundidade e alcance desconhecido da qual fazia parte o rolo compressor que incluía Paulo Sérgio e muitos outros igualmente despolitizados como massa de manobra, chegou o grande dia e, como planejado e esperado, Anita Rastik foi escorraçada do Palácio do Planalto.

Quanta alegria! Quanto alívio! Agora, tudo voltaria ao normal, pensou Paulo Sérgio. Os empregos voltariam e ele poderia voltar a trabalhar em paz. Pela vontade de Paulo Sérgio, ele voltaria ao mundo da técnica, bem longe da política, onde sempre estivera.

Para sua surpresa, no entanto, algo deu errado e as coisas não mudaram. Ao invés de diminuir, o desemprego aumentou, as denúncias de corrupção não diminuíram, a construção civil continuou estagnada e as tão desejadas obras não apareceram. Pelo visto, contrariando a propaganda do novo governo (que Paulo Sérgio ajudara a encastelar e, sinceramente, já estava quase arrependido de tê-lo feito), a economia permaneceu fora dos eixos. Ainda desempregado, Paulo Sérgio reconheceu que o Impeachment de Anita Rastik não era a panaceia tão alardeada pelos companheiros. Em observação a posteriori, a lógica cartesiana dos engenheiros dizia claramente que a presença de Anita Rastik (no governo) não fora a causa dos problemas que o atormentavam e, portanto, não seria a sua saída [dela, de Anita Rastik] que iria resolvê-los. Aquela constatação causou grande choque em Paulo Sérgio, que, de repente, viu desaparecer o chão no qual baseava a esperança de reconstrução da vida.

Pudera. Movido basicamente por interesse pessoal (travestido de civismo e de moralidade, é verdade), Paulo Sérgio contava com a imediata solução dos problemas que tinham roubado o seu emprego, mas, agora, vendo a esperança se esvaír, descobrira que o novo governo não tinha condições (ou interesse) de cumprir a mudança prometida na campanha do Impeachment. Para ele, isto era muito grave, pois, se antes, tinha a expectativa de que seus problemas acabariam com a queda de Anita Rastik, agora não tinha mais. Não tinha, sequer, a quem reclamar, pois, de alguma forma, era cúmplice do grupo que agora estava no governo. Paulo Sérgio estava aturdido. Se estivesse vivendo um sonho ruim, poderia acordar. Mas, esta possibilidade não existia.

Foi quando, sem ter a quem recorrer, desesperado e sem esperanças, Paulo Sérgio pensou em deixar o País como tanto outros já tinham feito. Não foi difícil convencer Judith, que, sem mais aguentar a humilhação de compartilhar ônibus com faxineiras e operários, exultou com a ideia. Garimpando velhas agendas, Paulo Sérgio buscou nomes de antigos colegas e tratou de assuntar a questão. Uns telefonemas e uns e-mails deram a largada e, três dias mais tarde, já tinha informações suficientes para orientar a decisão. Entre as opções disponíveis, apenas duas se encaixavam nos propósitos de Paulo Sérgio: Estados Unidos e Europa.

Ele estava numa encruzilhada.

Apesar de os amigos, provavelmente influenciados pela campanha contra o esquerdismo, recomendarem os Estados Unidos, a Meca do liberalismo, o aprofundamento das pesquisas revelou facetas do AmericanWay que não

agradaram ao casal, a começar pelo sistema de contratação de pessoal - quase sem direitos, os trabalhadores eram remunerados apenas pelas horas trabalhadas, sem qualquer pagamento pelas horas não trabalhadas à noite, nos sábados, domingos, feriados e férias e, ainda, sem o tradicional 13º salário - e pelo sistema de previdência - se quisessem, as pessoas podiam fazer uma poupança para usar quando se aposentassem. Além disso, o notório preconceito dos norte-americanos contra latinos e o excessivo mercantilismo das relações dificultavam a construção de novas amizades. Não. Emigrar para os EUA estava fora de questão, pois, além de tudo, tanto ele como Judith não tinham mais idade para viver como emigrante ilegal e se submeter a serviços degradantes como lavar latrinas, cuidar de jardins e coisas assim, sem qualquer direito social e sob o permanente risco de extradição.

Não havia muito o quê pensar. A melhor opção era a Europa. Não só porque podiam recorrer à genealogia de Judith para capacitar-se à dupla cidadania e, claro, à emigração legal do casal, mas, também, porque, ao contrário do cada-um-por-si decorrente do capitalismo norte-americano, no império do welfare praticado na Europa, estariam protegidos por uma vasta rede de suporte social, incluindo os serviços assistenciais, de educação e de saúde. "Aqui, ninguém está desamparado", dissera-lhes o primo distante residente em Lisboa. Estava decidido. No dia seguinte, PauloSérgio e Judith deram entrada nos papéis para se mudar para a Europa.

E, deixando para outros a tarefa de consertar o país desandado por tantos, quanto eles próprios, bateram panelas para combater o welfare tupiniquim, PauloSérgio e Judith emigraram para a Europa com o sonho de viver a vida que, sem saber, impediram que todos vivessem no Brasil.